

(rascunho inconcluso)

Poética Pragmática, ou Materialismo Poiético Pragmático

José Crisóstomo de Souza

No começo era o ato e, logo, o artefato (JCS)
Se não é útil o que fazemos, a glória é vã (José Bonifácio)

Uma perspectiva geral crítica mas sobretudo prático-crítica, mais transformativa do que negativa, que nega pelo que afirma e propõe. É uma posição mais hegeliana do que kantiana. O materialismo prático-poiético põe em relação ação, conhecimento, racionalidade, normatividade, realidade, produção e criação, acrescentando ao seu entendimento tradicional um viés prático crítico e transformador. Um ponto de vista transformativo-sensível, material, oposto ao “humanismo” impotente e incompetente, anti-moderno, que é aquele de onde costumeiramente, no nosso contexto, se interpela o real. Uma posição a favor do generalizado florescimento humano, de desenvolvimento e democracia, science friendly, amiga da tecnologia, modernista, nacional. Algo disso está esboçado em textos nossos como ‘O Mundo Bem Nosso’ e “Teses ad Marx” – ambos publicados em *Cognitio* (Puc-SP) e incluídos nesta Página Pessoal.

Poética Pragmática é o nome do grupo de trabalho em filosofia que coordeno, com grande contribuição, iniciativa e autonomia dos demais participantes, e o rótulo de um ponto de vista filosófico próprio, em desenvolvimento, que ecoa influências de hegelianismo, Marx, pragmatismo, modernismo e ensaísmo brasileiro. Que oferece os contornos para um amplo trabalho de investigação, discussão e elaboração em filosofia geral e social, através do qual dialogamos com boa parte do debate filosófico contemporâneo, também com a tradição filosófica no que ela tem de mais relevante para nossas circunstâncias, e com a cultura e a política de nossos dias. O que nos põe no campo do que se pode chamar, em sentido amplo, de filosofia da práxis, ou pragmática, não obstante o conceito central de nossa perspectiva não ser o de práxis, mas o de poiesis, que para nós deve ‘subsumir’ o primeiro. E que nossa ênfase esteja no caráter criador, material, produtivo, da ação e da própria condição humana.

Parto de uma concepção de nosso ‘emaranhamento’ com o mundo como essencialmente prático sensível e criativo. Tratando de distinguir minha posição a esse respeito, de um lado, do realismo representacionista, empirista, mentalista, tomado como menos interessante para a realização das disposições livres, prático-criadoras dos seres humanos. E, de outro, de um anti-representacionismo pragmático linguístico, que tem preocupações semelhantes às nossas, criticado, porém, como insuficientemente aberto à criação sensível, e à dimensão corpórea e material da existência e da cultura, embora inclinado ao

reconhecimento da dimensão não-representacionista, não-fundacionista, social, cultural, daquele emaranhamento.

Busco fazer isso pela afirmação de um não-representacionismo prático-sensível, sugerido como possivelmente mais vantajoso, defensável e apropriado às nossas circunstâncias. E isso com base na introdução de quatro noções principais: a) a de intencionalidade prático-sensível, significadora, b) a do real e de nós próprios como prática sensível e artefato, c) a da ação humana como poiésis, fazer criador que introduz coisas no mundo (que não estavam lá), e d) a de significação e normatividade como

constituídas na nossa própria prática de lidar com o mundo, de construí-lo e de transformá-lo, segundo nossos propósitos e pelos seus resultados. Por essa via, trato de esboçar um embrião de pragmatismo sensível-criativo, para chegar, por fim, a uma concepção materialista holista, objetual, histórica, do mundo, da cultura e de nós mesmos.

Outras noções centrais desse ponto de vista são as de que 1) ao mesmo tempo pomos objetos e somos postos por eles, 2) de que as práticas de pôr coisas no mundo são ao mesmo tempo `materiais` e `espirituais`, tanto quanto o são as coisas mesmas que pomos, 3) de que tais práticas de um lado nos põem inevitavelmente em certas relações uns com os outros, e de outro encontram suporte nos `objetos` postos, os quais frequentemente engendram ou redefinem as primeiras, 4) de que, nesse processo, não só nossas práticas mas nós próprios e nossas subjetividades são em boa medida constituídas e (re-)inventadas. 5) do conhecimento como crença, conduta, lidar com.

É na experiência social e individual que constituímos nossas crenças, e é ela que `vem primeiro`, no desafio de lidar com o mundo, e nesse sentido o `ser` vem `antes` do `pensamento`, e o põe sempre como situado, como posição, como `Standpunkt`. Reafirmamos a precedência da ação, seu caráter apropriadora e logo objetivador, e também conferidor de significado, enquanto apropriação e produção/fabricação. A objetivação da mente no mundo (também da racionalidade e da normatividade), nas coisas, práticas, instituições, procedimentos.

Note-se que o que chamamos aqui de `objetos` e `coisas` (objetivo-subjetivas) compreendem tanto artefatos técnicos, quanto palavras, signos, vocabulários, instituições, formas de associação e práticas, aos quais atribuímos também dimensão sensível. Ficando a realidade assim dotada de um caráter eminentemente prático e artefactual, objetivo-subjetivo, e ficando o movimento de sua criação com o caráter de expressão, objetivação, apropriação, exteriorização. Por fim, fica igualmente uma ênfase na dimensão sensível da nossa condição humana e de tudo o que pomos no mundo, sejam textos, sinfonias ou partidos políticos. De outro lado, não há ação ou fazer humanos, no trabalho ou na produção, desprovidos do que chamamos de pensamento.

*

Esse ponto de vista geral se desdobra em suas `consequências` para o campo social, cultural, econômico e político, e para a nossa compreensão do que é a Modernidade. Na verdade, ele é articulado de olho nelas ou, talvez melhor, a partir delas. As preocupações que nos movem são eminentemente práticas. A parte dessas consequências, já esboçada nas discussões e seminários do grupo, é a que acrescentaremos em seguida, para completar a apresentação. A cultura deve agora ser entendida sobretudo como cultura material e espírito objetivo. A democracia é justamente o arranjo social que corresponde ao máximo

aproveitamento das disposições criativas, autocriativas, produtivas e experimentalistas dos seres humanos, e que reconhece por igual neles todos eles essas disposições. Quanto à sociedade, ela é o real que é atividade sensível e prática, objetualidade, artefatos e relações; é um agregado de práticas que compõem uma forma inteira de vida, com as relações, objetos, propósitos e valores que a repõem e transformam, que a podem repor de formas novas e melhoradas ou mesmo radicalmente transformadas. (Alguns dos elementos dessa compreensão encontrei em parte já sistematizados no pensamento de Rahel Jaeggi, de modo semelhante ao meu). E política não se sustenta nem se fundamenta por qualquer ponto de vista transcendental, e a filosofia, no interior da cultura e da sociedade, é apenas a face conceitual desse arranjo e rearranjo de socialidade, capaz de articular pontos de vista e explorar suas novas possibilidades. Aguardem.